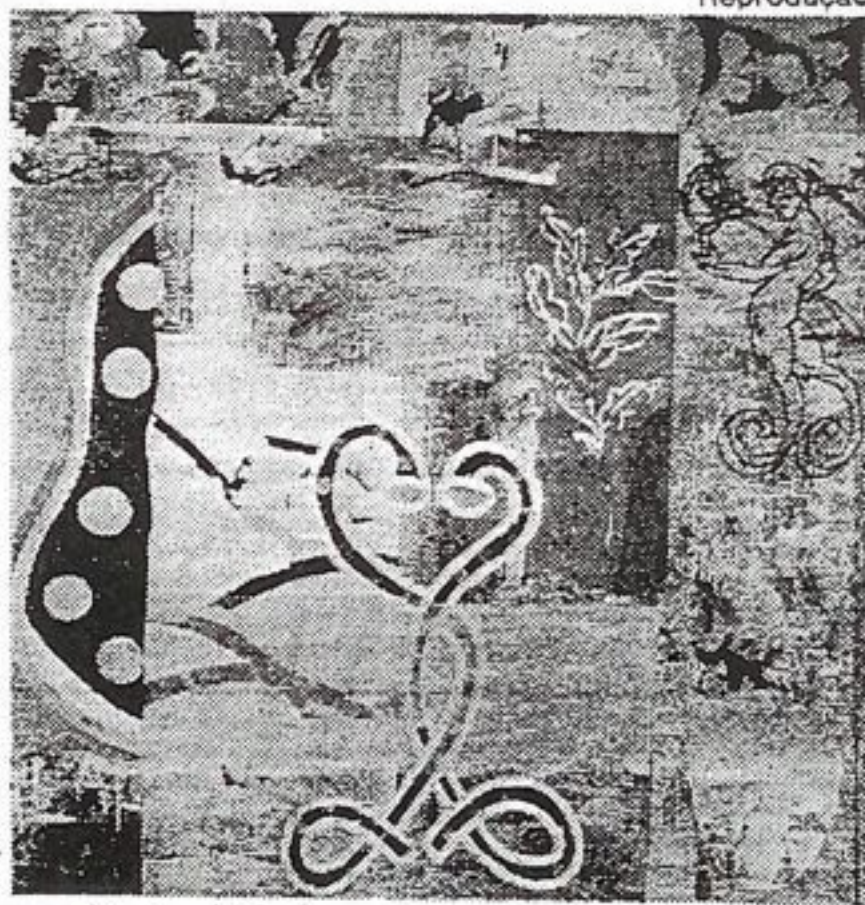


O caos e a ordem de Barata

Reprodução

Ao deixar o Rio para morar em Paris, em 1982, o pintor Fernando Barata, 43 anos, trocou a intensidade cromática de suas telas por tons fechados. "Foi como se tivesse uma câmera fotográfica e fechasse o diafragma", conta o artista plástico, que encerra hoje individual no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). Agora, com os matizes novamente abertos, ele mostra 18 quadros em tinta acrílica que, além de somarem tais variantes, aliam figuras à abstração, como na tela *Sevilha* (à dir.). "Barata tem prazer em equilibrar o caos e a ordem", definiu o crítico Roberto Pontual para a



mais recente exposição do pintor em Paris, ano passado. "É o reflexo das minhas raízes brasileiras com as influências que recebo lá fora. Acho que

provoco esta desordem para organizar em seguida", diz o artista, que vive no Quartier Latin e tem seu ateliê na famosa Vila Seurat.

EM CARTAZ

FERNANDO BARATA. O artista põe fim a longo período sem expor na cidade com duas mostras simultâneas. Uma delas já pode ser vista no Museu de Belas Artes, enquanto a outra será aberta na quarta (5), às 18h30, no Saguão Cultural da Bolsa (Praça Quinze de Novembro, 20, Centro. ☎ 271-1001). Suas telas recentes, de intenso colorido, são povoadas de formas orgânicas e figuras em aparente desordem, mas que resultam numa trama que valoriza o lúdico e o imaginário, conferindo identidade própria a cada um de seus elementos, de parafusos a estrelas, garrafas etc. *Museu Nacional de Belas Artes.* Avenida Rio Branco, 199, Centro. ☎ 240-0068. Ter. a sex., das 10h às 18h; sáb. e dom., das 14h às 18h. R\$ 1,00. *Grátis aos domingos. Até dia 29.*

O mar sob o ponto de vista de Paris

Barata volta ao Rio em mostra que colore a ordem e o caos

ADRIANA PAVLOVA

A ordem e o caos na visão colorida do pintor Fernando Barata estão de volta ao Rio. Depois de um oito anos sem expor na cidade, o artista plástico, radicado em Paris desde 1982, retorna com duas exposições simultâneas. A mostra mais completa, que reúne 15 obras recentes em grande e médio formatos, está em cartaz no Museu Nacional de Belas Artes desde quinta-feira. E, às 18h30m da próxima quarta-feira, a Bolsa de Valores (BVRJ) abre uma segunda exposição com trabalhos de Barata.

Carioca, o artista foi revelado na última década entre os jovens talentos da Geração 80. Com uma pintura que está entre o abstrato e figurativo, Barata já expôs nas galerias mais importantes do país como o Museu de Arte Moderna do Rio, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, além de salas em Paris, Londres e Estados Unidos. No Rio, o pintor aproveita para exibir trabalhos que fazem uma síntese do passado.

— São obras que têm de tudo um pouco das fases anteriores — explica Barata. — Recuperarei o mesmo colorido do passado, mas agora as pinturas estão mais reflexivas. Equilibro o tempo todo a ordem e o caos. Nos quadros, existem ao mesmo tempo a desordem e a organização.

Apesar de viver longe do mar, Barata busca toda a sua inspira-

ção no oceano. As pinturas recentes evidenciam o interesse. Em todas, sobram o azul, conchas, estrelas e outros símbolos que remetem ao mar.

O colecionador de artes Jarbas Camargo Penabaz destaca a veia humorística das obras.

— É muito alegre — diz. — Os trabalhos são bem contemporâneos, estão na linha da transvanguarda, com um tom de humor bem grande.

Embora acompanhe apenas de longe a carreira de Barata, o pintor Hilton Berredo — outro representante da Geração 80 — elogia a coerência das pinturas do artista. Para ele, todo o trabalho ainda tem muito da energia da Geração 80.

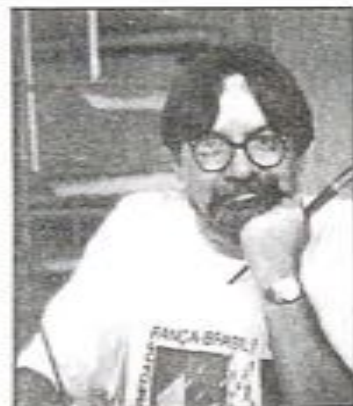
— A coerência das cores é muito grande. Destaco ainda a relação entre figuração/abstração e construção/expressão.



"Cena de praia": exposta no MNEA

Francês e brasileiro dividem a cena no MNBA

Caminhos cruzados na arte



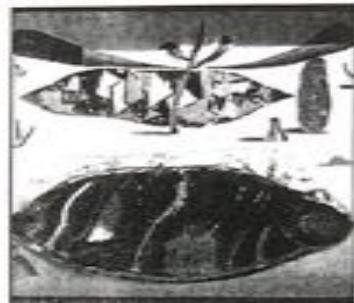
Carioca por opção e de coração

Há 32 anos no Brasil, "vim para cá com 17 anos. Ou seja, moro há mais tempo aqui do que vivi na França", Gilles Jacquard (acima) diz ser um carioca por opção. A alegria e a espontaneidade que admira nos habitantes do Rio ele transfere para as suas telas, traduzindo-as em imagens vibrantes e de cores fortes. "O meu trabalho tem muito a ver com o Brasil e, particularmente, com o Rio. Gosto de pintar o meu cotidiano", afirma.

Suas telas grandes e coloridas são povoadas por pessoas, obje-

Claudia Miranda

Os caminhos da arte francesa e brasileira se cruzam essa semana nos corredores do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). Enquanto a Sala Clarival Valadares e Joaquim Lebreton abriga a partir de hoje, às 18h, a mostra "Objetos" do pintor francês, radicado no Brasil, Gilles Jacquard (ver matéria à esquerda), a Galeria do Século 21 recebe na quinta, no mesmo horário, trabalhos do artista brasileiro Fernando Barata (ver matéria à direita), há 13 anos morando na França. Na verdade, não é a primeira vez que os dois artistas se encontram no mesmo espaço. Na década de 80 eles participaram da coletiva "Viva Brasil" na Galeria 1900 - 2000, em Paris.



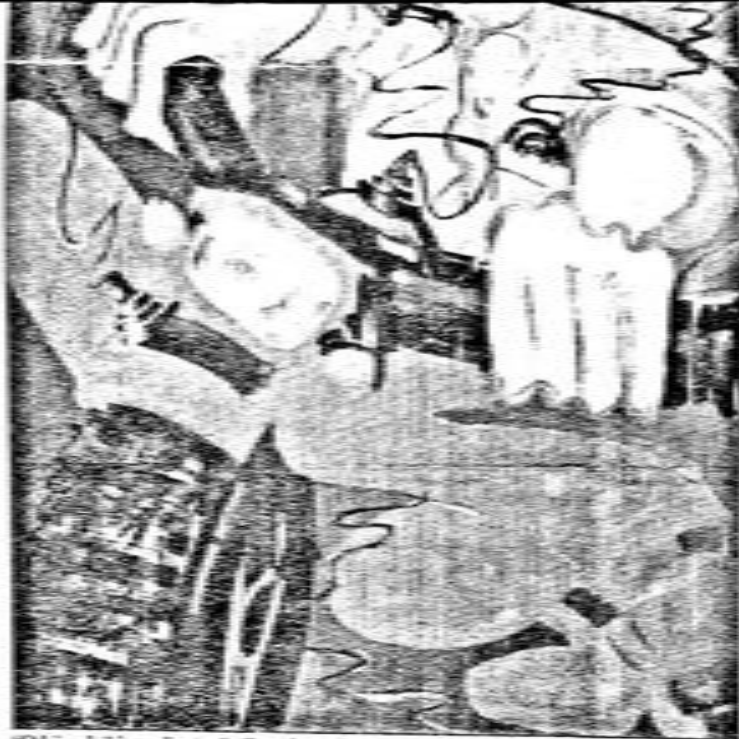
Um mergulho no clima europeu

Um dos expoentes da badalada "Geração 80", o pintor Fernando Barata, há quase 10 anos sem expor no Rio, comemora a volta à cidade com duas mostras simultâneas. Além do MNBA ele também apresenta suas obras no Saguão Cultural da Bolsa de Valores a partir do dia 5 de julho. "Algumas telas são inéditas e outras já foram exibidas em Paris e em São Paulo, onde mantenho a Galeria Nara Rosler", conta o artista, que pretende reunir nas duas exposições cerca de 24 obras em grandes e médios formatos. Uma delas é "Maré baixa", (acima).

A mudança para Paris há 13 anos aconteceu mais por questões pessoais do que profissionais. "Casei-me com uma francesa", explica.

nas ruas. No MNBA Jacquard apresenta em "Objetos" 16 quadros em acrílico e óleo sobre tela. "Onze são inéditos e cinco pertencem a grandes coleções, como a de Gilberto Chateaubriand", avisa o artista, que resolveu dedicar a mostra ao amigo escultor Roberto Mariconi, morto em 93. "Ele deu muita força a minha carreira", emociona-se.

Feliz por estar exposto pela segunda vez em um museu, "é um espaço nobre e que atrai um número grande de pessoas", Jacquard enquanto descansa o pincel trabalha como arquiteto, decorador e design mobiliário. Atividades que também o mobilizam tanto quanto a pintura, um dos seus assuntos prediletos. "Para um pintor, qualquer tema, imagem ou gesto é um pretexto novo para ele voltar a pintar. Os artistas, em geral, são transformadores da realidade, eles captam o cotidiano transformando-o em arte", filosofia o francês por nascimento mas brasileiro de coração.



"O Ligeiro" é um dos trabalhos do artista Gilles Jacquard expostos a partir de hoje

"Mas pelo menos uma vez por ano, no mínimo, preciso vir ao Brasil. É importante voltar sempre, assim vou descobrindo novas dimensões das minhas raízes", conta.

A nova vida em Paris teve reflexos profundos na sua pintura. As cores fortes e vibrantes dos trópicos transformaram-se com o tempo nos cinzas e negros do clima europeu: "Estava acostumado a acodar com o sol e seus reflexos coloridos e vibrantes. De repente mergulhei no inverno da Europa e minhas telas se encheram de tons acinzentados e metálicos". Agora, adaptado à França, "tem sido muito bom entrar em contato com uma cultura que valoriza tanto a arte como a francesa", Fernando traz à tona um novo colorido para as suas imagens. "Resgatei as minhas cores de origem, mas de uma forma mais consciente", conta. Suas telas coloridas versam sobre conchas, nodas e animais marinhos, temas que remetem a sua infância. "Sempre fui muito ligado a tudo que se relaciona com o mar", explica.

2. Rio, Segunda-feira, 24 de julho de 1995

Afirmção da pintura no século XXI- Museu Nacional de Belas Artes

Clemente de Magalhães Bastos

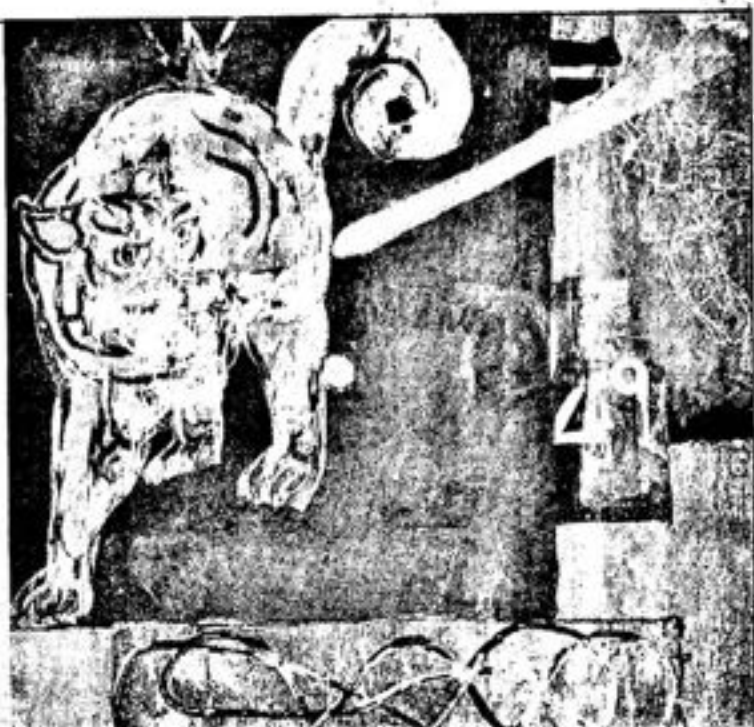
A presente mostra do pintor Fernando Barata no Espaço Século XXI do Museu Nacional de Belas Artes, na Av. Rio Branco, está alcançando grande repercussão como qualidade pictórica em bom exemplo de reimplantação da pintura-pintura neste final de século. Ao lado das correntes de outros artistas também válidos na atualidade, como os de instalações compositivas e os de diagramação conceitual, confirma-se que a pintura-pintura não é desprovida de sentido moderno, em seu relacionamento com as permanências e virtualidades da organicidade humana, no olhar e no sensível.

Coube ao último texto crítico escrito por Roberto Pontual em Paris (1994) interpretar a formulação e a essência da presença das telas de Fernando Barata como uma revelação simultânea do caos e da ordem, transmitida com a necessária instabilidade (virtual ou simulada) e o nervosismo regulado pela sensibilidade, que caracterizam crescentemente a obra do artista residente em Paris, como ali estiveram tantos, de E. Visconti a Antonio Bandeira e ao gravador A. L. Pisa. A referida "instabilidade" é artística e não técnica, evidentemente.

O aspecto caos-ordem não é tudo na arte presente de Fernando Barata, mas ele influenciou a captação de sua obra pela boa crítica francesa Christine Frerot (com referência expressa a Pontual), a qual em Paris e em viagens ao México ou à América do Sul - destacando-se a atividade na Maison de L'Amérique Latine da capital francesa - conhece o mundo ibero-americano. Para ela, em pergunta, o equilíbrio apresentado entre o caos e a ordem - "será para exorcizar a evocação de uma memória, eco de suas origens brasileiras, ou para relembrar, enriquecido de sua experiência (de Fernando Barata) entre as duas margens do oceano, que a pintura é a arte sempre viva de um mundo incerto e movido?".

Além de texto crítico bilíngüe, o catálogo da mostra, com apoio cultural da Bolsa do Rio (que apresenta duas exposições

FERNANDO BARATA



As obras do pintor Fernando Barata (abaixo) confirmam que a pintura-pintura não é desprovida de sentido moderno, ao mesmo tempo que ilustra uma revelação simultânea do caos e da ordem.

do artista no mesmo mês), indica que a segunda exposição individual de Fernando Barata foi na Galeria da Aliança Francesa, no Rio, em 1977. Essa associação de cultura franco-brasileira tem colaborado nas artes e destacado o intercâmbio França-Brasil. E nela também se referiu a importância desta mostra no MNBA, significativa excepcionalmente dentro dos dois últimos anos no Rio de Janeiro. Acrescenta-se no caso a contribuição da vivência francesa desse pintor brasileiro.

Em relação a um dos aspectos fundamentais da essência da obra de Fernando Barata, acrescento que a cota de vibração que ele consegue com o seu cromatismo é uma nota que funde o quantum de cor à estruturação do desenho. Ele o faz dentro do que Pontual chamou de montagens e C. Frerot de compartimentação e repertório para a organização das obras.

Esse artista trabalha no plano figurativo, mas livremente, como moderno, dentro da pintura-pintura. Outros pintores, como o venezuelano Manuel Quintana Castillo (na Bienal Internacional de São Paulo de 1979), utilizavam a compartimentação com vibração de cor dentro de um abstracionismo geometrizar. A expressão de um conteúdo



simbólico à base de figuração e em fusão com a vibração de cor assinala particularmente a criação de Fernando Barata e a justifica como linguagem caracterizada sobretudo pela vibração da cor e a inserção frequente de transparências em técnicas mistas de incisões ou das monotipias, marcando forte-

mente a sua personalidade de pintor e a sua capacidade de expressão visual. Ao lado da vibração como quantum nervoso de cor surgem também e muito o brilho e a intensidade da luz-cor quase lísa, enriquecendo a beleza da obra no plano da pintura-pintura, que está assim entrando pelo século XXI.